

# Previsões de 97

**A**s autoridades monetárias, tendo à frente o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em seus encontros habituais de fim de ano com a imprensa, têm apresentado uma visão otimista das boas perspectivas para 1997. A inflação mensal deverá ficar em torno de 0,5%, em média, o que permitirá ao País chegar ao final do próximo exercício com taxa inflacionária inferior a 10%, talvez entre 5 e 7%. São palavras do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Mendonça de Barros. Por sua vez, o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, prevê aumento significativo de investimentos estrangeiros. Aliás, ainda ontem, em solenidade no Palácio do Planalto, os dirigentes da coreana KIA anunciaram que a grande empresa vai construir uma fábrica de automóveis no Pólo de Camaçari, perto de Salvador, que será a primeira montadora de veículos do

Nordeste. *Econ Brasil*

**O** ministro Malan, apesar de sua habitual cautela em matéria de previsões da economia, admite um déficit comercial em 97 maior que os US\$ bilhões do ano que se encerra, mas não vê isso como grande tragédia, lembrando que o Brasil importa o equivalente a 7% de seu PIB, o que significa que os outros 93% aqui consumidos são produzidos pela indústria nacional. O ministro também está tranquilo quanto ao chamado rombo de conta corrente, que este ano fica em 2,83% do PIB, enquanto a média dos países desenvolvidos é de 9% do Produto de cada país.

**M**erece reflexão o comentário do ministro da Fazenda sobre o problema sempre preocupante do desemprego. Malan admite que, em março de 95, o Governo "pisou no freio" do desenvolvimento econômico - segundo suas próprias palavras - para evitar que o aquecimento econômico pudesse

conduzir o País a algum tipo de problema parecido com o enfrentado pelo México em dezembro anterior. Para o ministro, o desemprego é um problema setorizado em São Paulo e não pode ser debitado exclusivamente à política oficial mas também é causado por outros fatores, tais como o avanço da tecnologia (que substitui trabalhadores), a concorrência maior entre empresas (que leva as ineficientes a reduzirem sua participação no mercado ou desaparecerem completamente) e a outros fatores decorrentes da reorganização do mercado competitivo, nacional e internacional. E, realisticamente, não vê como refluir esse problema a curto prazo. Aliás, um problema internacional nessa economia globalizada. Mas, no caso brasileiro, a esperança resiste na expansão das pequenas e das microempresas, grande absorvedora de mão de obra não especializada e em pequenos grupos.